

A (IM)POSSIBILIDADE DO MAPA¹

Karina Rousseng Dal Pont

Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC.
<karinardalpont@gmail.com>

A (im)possibilidade do mapa (DAL PONT, 2018b) é uma tese que foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa que parte do ensino de Geografia, especificamente da cartografia escolar e os modos como somos educados por essas imagens-mapa. Nesta pesquisa, a cartografia escolar foi problematizada seja pela reprodução como imagem estática dos fenômenos espaciais, seja como discurso que fixa as leituras do mundo. A afirmação de que o mapa é uma coisa impossível foi o eixo de discussões e reverberações da tese. Tensionada pela seleção de obras de arte contemporânea e estudos de processos criativos de artistas que se apropriam dos mesmos signos e elementos da cartografia oficial, a investigação se deu pelas leituras desses trabalhos e pela construção de práticas pedagógicas nas instituições de ensino. O objetivo da pesquisa não foi definir um meio didatizante ou prescritivo de ensinar cartografia na escola, mas tornar a proximidade com a arte contemporânea um modo de “criação de resistências” (ONETTO, 2007) na educação geográfica. A partir da Geografia escolar foi possível problematizar como a aproximação com as obras da arte contemporânea e os processos de criação artística podem provocar a ampliação de leituras sobre os modos de apresentar e ler o espaço geográfico. Afinal, o que pode a arte contemporânea diante do que parece não se mover com a cartografia escolar?

Os objetivos específicos delineados para o processo de pesquisa foram: problematizar as formas simplificadas e/ou reduzidas de representação do espaço pelos modos como a cartografia escolar é utilizada em sala de aula; propor através de intervenções pedagógicas em ambientes de formação de professores e com alunos do Ensino Fundamental possibilidades de multiplicidades de apresentação espacial; ampliar os modos de fazer uma educação em geografia; investigar junto à produção artística contemporânea as possibilidades de criação de uma linguagem cartográfica importante a uma geografia outra; criar resistências ante a cartografia oficial como única forma de representar e compreender o espaço junto à educação geográfica.

Essa pesquisa se avizinha da cartografia como método de pesquisa ao lidar com processualidades, “um método para não ser aplicado, mas para ser experimentado como atitude investigativa”, como afirmam Eduardo Passos e Virginia Kastrup (2012, p.11). As processualidades são tomadas como caminho investigativo, pois implicam o modo como a pesquisa é narrada, e o esforço em acionar ferramentas e estratégias de pesquisa que impeçam a “paralisa das informações que produzimos e que precisamos descrever-analisar” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.17).

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. ISSNe 2359-1870, v. 6, n. 10, setembro 2019 ©. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

1Artigo submetido em 28/08/2019 e aceito em 30/08/2019.

Ao mesmo tempo em que mantêm articulado os referenciais teóricos escolhidos para movimentar a pesquisa, como os Estudos Culturais e a filosofia da diferença. O diário de campo “é atuante na pesquisa” (MEDRADO, 2013, p. 276) pois além de guardar instantes, vibrações, anseios, desejos, torna-se eixo de análise desta pesquisa. Páginas que guardam detalhes das participações em cursos, palestras, leituras, fagulhas para a organização dos textos e das informações produzidas. Esta movimentação pela cartografia, e por metodologias pós-críticas em educação, acompanham o processo de tessitura da tese e a composição dos seis capítulos que estruturam o texto. Outra linha investigativa se articula a perspectiva dos “processos de criação” apresentados por Cecília Almeida Salles (2006, p.17). Foram tomados como um caminho para acompanhar também os movimentos e os processos dos artistas e das obras que apresento na tese, como as obras de Mayana Redin e Jorge Macchi.

Nesse movimento metodológico a intercessão da arte contemporânea nas aulas de Geografia na Educação Básica e no Ensino Superior foram lócus experimental do trabalho. Em sala de aula, ao apresentar as obras dos artistas buscava-se, ao repetir os processos dos artistas, problematizar os dogmas da cartografia escolar e as metodologias homogêneas de ensinar a ler e compreender o espaço. A atuação como professora nos Cursos de Pedagogia e Geografia no Ensino Superior e como professora de Geografia do Ensino Fundamental e Médio na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina aprofundou questionamentos sobre os modos de ensinar Geografia, especificamente a cartografia escolar.

Tanto para os trabalhos em sala de aula, como nos processos de análise, foram selecionados um conjunto de obras e artistas que apresentam o mapa e os objetos da educação geográfica em seu trabalho. A relação com o visto nas obras ou nos processos dos artistas selecionados se deu pela busca em mover silenciamentos e invisibilidades na educação cartográfica, considerada como “um ato que não se esgota na decodificação pura de seus elementos (sinais gráficos e palavras), mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (GIRARDI, 2014, p. 88).

O mapa nesta tese é afirmado como uma coisa impossível, pois mesmo sendo construídos como modos de mostrar uma realidade espacial seguimos “continuamente mapeando o invisível, o inacessível, o apagável, o tudo-o-que-não-está-presente-aqui-para-nossos-sentidos. Fazemos tudo isso pela dádiva do mapa, ao transmutá-lo em tudo o que o mapa não é ...no real, no cotidiano” (WOOD, 2013, p. 36). Além do mapa não representar o real e o cotidiano, outra perspectiva embrutecedora da imagem-mapa trata dos modos como somos educados a ler o mundo pela cartografia. Como representamos o mundo? A Europa no centro e “em cima”, a África e os países tomados como pouco-desenvolvidos abaixo da Linha do Equador. Como aprendemos que o mundo é assim?

É o mapa do cosmógrafo e cartógrafo flamengo Gerhard Mercator, publicado em 1569, quando os europeus iniciavam maciçamente seu domínio sobre o “novo mundo” que ainda marca sua imagem mais utilizada nas escolas. Félix Guattari e Suely Rolnik (2011) afirmam que tudo o que nos rodeia é produzido por “sistemas de conexão direta entre grandes máquinas de controle social e instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 35). O mapa, a cartografia oficial e os modos como ainda são ensinados nas escolas, tudo isso foi considerado pela pesquisa como mais uma parte dessas “máquinas de controle” que definem “maneiras de perceber”, ler e compreender o mundo.

É afirmado também com a tese, ao retirar os parênteses, que o mapa é possível quando atravessado pelo “processo de singularização” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p.42). É possível pela relação de expressão e pela produção de subjetividades – é nessa relação que afirmo a possibilidade do mapa. Considerando os atravessamentos das obras de arte contemporânea em práticas pedagógicas desenvolvidas tanto na Educação Básica como no Ensino Superior, afirmo que o mapa é possível por esses encontros intercessores da

cartografia oficial atravessando a arte e pela arte atravessando a educação cartográfica. Essas múltiplas trajetórias compõem a tessitura e os diálogos provocados pelos autores agenciados, tanto da filosofia da diferença – Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik e Jacques Rancière – quanto da educação, Jan Masschelein e Maarten Simons, Jorge Larrosa, Guilherme Corrêa, Ana Godoy e Silvio Ferraz são fagulhas de alegria. Da educação geográfica e geografia, aproprio-me de Ana Maria Preve, Wenceslao de Oliveira Machado Junior, Gisele Girardi e Doreen Massey. Na interface educação, arte e estética, os trabalhos de Juliana Cristina Pereira (Julina Crispe), Eduardo Pellejero e Cecília Almeida Salles e os processos de criação. Essa é a constelação de autores que contribuíram para a definição da tese.

Ao cartografar processos, afirma-se que esta pesquisa esteve envolta em experimentações, provocações, invenções de outras formas ao reorganizar leituras, músicas, narrar visitas a exposições e participação em cursos de formação. Assim, a arte contemporânea agencia movimentos de escrita e reflexão ao provocar diálogos entre os autores da filosofia e da educação. Trata-se nesta pesquisa de um movimento duplo: olhar para a cartografia escolar além das prescrições de como deve ser ensinada, ao mesmo tempo em que desloca, altera e provoca a transgressão de uma formação docente enraizada na educação geográfica.

A imagem-mapa foi tomada como expressão e potência para criar e experimentar outras cartografias ao exercitar outras formas de construí-las. Foi necessário afirmar a (im) possibilidade do mapa para fazer existir algo além daquilo que nos é oferecido pelas verdades (re)produzidas pelos conceitos, imagens e mapas da escola. Desejando com esse exercício criar sensações com os princípios de processos e abrir possibilidades de ler o mundo pelos mesmos objetos da cartografia geográfica contaminados pelas poéticas e inventividades da expressão artística, mais do que afirmar alguma metodologia de como trabalhar com a cartografia escolar. A intersecção com as experimentações provocadas pela investigação em processos criativos da arte contemporânea podem ser o convite à elaboração de outras leituras espaciais (Figura 01). Ou seja, olhar para os mapas não como fórmulas prontas ou dadas sobre o espaço, mas além das suas funções de leitura e comunicação: pensar o espaço na sua potencialidade. Tirar do mapa e do ensino de cartografia apenas a função instrumentalizadora ao acionar a imaginação, a sensibilidade e a criação sobre um espaço complexo a partir das imagens proporcionadas por esse exercício.



Figura 1 – Um mapa é uma coisa impossível. Bordado sobre tecido, 2018. 25 x 35 cm.
Fonte: Dal Pont (2018)

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Guilherme; CHILLEMI, Margaret. Oficina “Aprendizagens: o estar junto e o fazer com o outro”. In: **Colóquio Ibero-Americano de Educomunicação**, III. Universidade do Estado de Santa Catarina, mai. 2014.

DAL PONT, Karina Rousseng. **A (im)possibilidade do mapa**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs). **Metodologias pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ONETO, Paulo Domenech. A que e como resistimos: Deleuze e as artes. In: LINS, Daniel (org.) **Nietzsche/Deleuze: Arte, resistência**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007. p. 198-211.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias afetivas: Proposições do professor-artista-cartógrafo-etc.** 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação:** construção da obra de arte. Vinhedo-SP: Horizonte, 2006.

WOOD, Denis. Dogma Visualizado: Estado-nação, Terra, Rios. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea.** Campinas: Alínea, 2013. p. 23-52.